

Fundação Universidade Federal do Rio Grande

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient.

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

Volume 18, janeiro a junho de 2007

***AFORISMOS SOBRE A CULTURA: UMA DISCUSSÃO ACERCA DAS
REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS NO PENSAMENTO DE VYGOTSKY -
RECONHECENDO PERCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL***

André Luiz Portanova Laborde¹

Susana Inês Molon²

RESUMO

O presente artigo tem o objetivo de aproximar ao conceito de Cultura de Clifford Geertz à abordagem sócio-histórica de Vygotsky, em uma tentativa de perceber na abordagem Sócio-histórica elementos que denotem um diálogo entre a psicologia social e a antropologia. Essa relação será retratada através da investigação acerca da questão semiótica estabelecendo o contato a partir da representação simbólica como forma de alcançar os sistemas culturais que envolvem o desenvolvimento da formação do ser humano

Palavras-chave: Cultura, Enfoque sócio-histórico, Representação e Simbolismo.

ABSTRACT

The present article has the purpose to approach at Culture's conception of Clifford Geertz and Vygotsky, in an attempt to apprehend into board Social-historical elements who showing a dialogue between social psychology and anthropology. This relation will be retract through an investigation about semiotic's question establishing a new contact through the symbolic representation as a way to catch the culture's systems that involves the development of human's being formation.

Key-words: Culture, Emphasis social-historical, Representation and Symbolism.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Fundação Universidade Federal do Rio Grande; Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de pessoal de Nível Superior – CAPES.

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Fundação Universidade Federal do Rio Grande; Doutora em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Considerações Iniciais:

O papel reservado à cultura no pensamento de Vygotsky³ se denota através da relação do indivíduo aos sistemas simbólicos de representação da realidade, ou seja, em torno do universo de significações que permite construir a interpretação do mundo real. Na verdade, ela se apresenta enquanto momento (local) de transação no qual seus membros (partícipes) estão em constante processo de recriação e reinterpretação das informações, conceitos e significações.

Dessa maneira, enfocaremos aqui a importância do componente cultural sob o prisma das representações simbólicas em uma tentativa de aproximarmos o conceito de Cultura de Clifford Geertz à abordagem sócio-histórica de Vygotsky.

Através desse diálogo será possível vislumbrar o teor da relação entre cultura e biologia para a constituição do indivíduo. Nessa medida, nosso apoio epistemológico se reconhece sob a égide da abordagem sócio-histórica com o respaldo da antropologia para auxiliar essa possível mediação de conhecimentos.

É necessário destacar também que abordaremos ao redor do Signo por entender que sua presença no estudo e de suma importância para a compreensão da psicologia no que tange a formação social do ser humano. Assim, se tornando possível visualizar o componente cultural como forma de salvaguardar os princípios da interação entre indivíduo e meio.

A configuração dessa análise se remete essencialmente acerca dos processos de internalização, os quais permitem que essa discussão prossiga. As representações simbólicas nos auxiliam a perceber as raízes dessa aproximação ao redor da cultura.

Em suma, nosso objetivo é versar a respeito da abordagem sócio-histórica para tentarmos compreender o conceito de cultura de Vygotsky e Geertz, encaminhando um diálogo sobre como as representações simbólicas podem legitimar a formação do indivíduo. É providencial entendermos as interfaces dos aforismos que rodeiam a cultura para denotarmos a emergência do desenvolvimento humano e sua função no mundo.

³ Lev S. Vygotsky (1896-1934), professor e pesquisador foi contemporâneo de Piaget, e nasceu em Orsha, pequena cidade da Bielorrússia em 17 de novembro de 1896, viveu na Rússia, quando morreu, de tuberculose, tinha 37 anos. Construiu sua teoria tendo por base o desenvolvimento do indivíduo como resultado de um processo sócio-histórico, enfatizando o papel da linguagem e da aprendizagem nesse desenvolvimento, sendo essa teoria considerada histórico-social. Sua questão central é a aquisição de conhecimentos pela *interação* do sujeito com o meio.

1. Reconhecendo a abordagem Sócio-histórica

Nosso ponto de partida é a perspectiva sócio-histórica, tendo como alicerce o materialismo histórico-dialético que aqui está representado por Vygotsky. A intenção nesse momento é destacar a importância dessa abordagem para melhor entendermos o contexto da cultura enquanto categoria fundamental para o entendimento do estudo.

Essa perspectiva baseia-se na tentativa de superação de reducionismos que permeiam a psicologia. Dessa forma iremos discorrer sobre a contribuição de Vygotsky procurando direcionar o foco da discussão e percebendo sua contribuição teórica.

“Dentro da perspectiva sócio-histórica de desenvolvimento [...] a consciência é cunhada na vida social, dado que as formas culturais de organização do ambiente fornecem aos indivíduos que nele estão imersos os meios (conhecimentos, técnicas e instrumentos) e os motivos para as suas ações. Estas, portanto, devem ser apreendidas na interface dos motivos presentes nas experiências diárias dos indivíduos”.⁴

A partir daí, visualizaremos o palco de possibilidades para estabelecermos de vez o lugar da cultura nesse processo de absorção simbólica. Antes disso, devemos perceber que será através da mediação⁵ que resultam as concepções⁶ de Vygotsky acerca do funcionamento psicológico que está diretamente relacionado para a inserção da cultura nesse contexto.

⁴ OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos. *Interações sociais e desenvolvimento: A perspectiva sociohistórica*. Campinas: Cadernos Cedes, 1999.

⁵ *Mediação*: uma idéia central para a compreensão de suas concepções sobre o desenvolvimento humano como processo sócio-histórico é a idéia de *mediação*: enquanto sujeito do conhecimento o homem não tem acesso direto aos objetos, mas acesso mediado, através de recortes do real. Operados pelos sistemas simbólicos de que dispõe, portanto enfatiza a construção do conhecimento como uma interação mediada por várias relações, ou seja, o conhecimento não está sendo visto como uma ação do sujeito sobre a realidade, assim como no construtivismo e sim, pela mediação feita por outros sujeitos. *O outro social* pode apresentar-se por meio de objetos, da organização do ambiente, do mundo cultural que rodeia o indivíduo.

⁶ *As concepções de Vygotsky sobre o processo de formação de conceitos* remetem às relações entre pensamento e linguagem, à questão cultural no processo de construção de significados pelos indivíduos, ao processo de internalização e ao papel da escola na transmissão de conhecimento, que é de natureza diferente daqueles aprendidos na vida cotidiana. Propõe uma visão de formação das funções psíquicas superiores como internalização mediada pela cultura.

As concepções de Vygotsky sobre o funcionamento do cérebro humano, colocam que o cérebro é a base biológica, e suas peculiaridades definem limites e possibilidades para o desenvolvimento humano. Essas concepções fundamentam sua idéia de que as funções psicológicas superiores (por ex. linguagem, memória) são construídas ao longo da história social do homem, em sua relação com o mundo. Desse modo, as funções psicológicas superiores referem-se a processos voluntários, ações conscientes, mecanismos intencionais e dependem de processos de aprendizagem.

Nesse sentido, podemos destacar que a atividade humana é dada substancialmente pela relação mediada que tem por objetivo, proporcionar a autonomia. Assim já somos capazes de aproximar a atmosfera cultural do nosso mote de análise.

O ser humano, dentro dessa perspectiva, se apresenta em seu processo de formação através da atividade de internalização, ou seja, envolvendo uma atividade externa que deve ser modificada para tornar-se uma atividade interna, é *interpessoal e se torna intrapessoal*. Por isso que legitimaremos a cultura como partícipe dessa ação cujo desenvolvimento humano faz parte.

Outro destaque importante na abordagem é a questão do aprendizado. A aprendizagem é fundamental ao desenvolvimento dos processos internos na interação na relação com outros indivíduos. Pois; propicia vislumbrarmos o ambiente e a sua influência à internalização das atividades cognitivas no indivíduo, de modo que, o aprendizado conduza ao desenvolvimento. Portanto, o desenvolvimento mental somente realiza-se por intermédio do aprendizado.

“[...] se existe um nascimento cultural deve existir também, [...] um hipotético momento zero cultural. A razão é simples: se as funções culturais têm de se ‘instalar’ no indivíduo é porque elas ainda não estão lá, ao contrário do que ocorre com as funções biológicas que estão lá desde o início da existência, nem que seja de forma embrionária”.⁷

As relações entre as esferas biológicas e culturais irão nortear a grande discussão que a perspectiva sócio-histórica se propõe discorrer sobre o fenômeno que justifica a formação do ser humano. Entretanto, para elucidar esse fenômeno não poderíamos deixar de mencionar o papel da linguagem⁸.

A linguagem assume um papel de suma importância para relacionarmos ao papel da cultura. Segundo Susana Molon, “*as relações sociais impõem novas formas de mediação, dependentes da cultura em que estão inseridas*”. (2005:94).

Dessa maneira, percebemos na linguagem (e pensamento articulados) uma ferramenta que possibilita o intercâmbio social e, este é inexoravelmente subordinado a cultura. Também reconhecemos que as mediações se realizam através de mecanismos culturais que estão sempre atrelados aos domínios dos signos.

⁷ PINO, Angel. *As marcas do humano às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de lev. Vigotski*. SP: Cortez, 2005. p. 47.

⁸ *A linguagem*, sistema simbólico dos grupos humanos representa um salto qualitativo na evolução da espécie. É ela que fornece os conceitos, as formas de organização do real, a mediação entre o sujeito e o objeto do conhecimento. É por meio dela que as funções mentais superiores são socialmente formadas e culturalmente transmitidas, portanto, sociedades e culturas diferentes produzem estruturas diferenciadas.

Portanto, essa breve apresentação de alguns tópicos enfocados pela perspectiva sócio-histórica, esclarece os rumos da nossa análise em torno do lugar da cultura para a formação do ser humano. Mas, agora será preciso perceber o papel dos signos nessa relação para que se encaminhe uma discussão mais séria sobre essa problemática de estudo, vimos que existem diversos componentes que nos pressionam a buscar na semiótica elementos que ratificam as explicações propostas por Vygotsky.

É obvio que Vygotsky sublinhou teoricamente, o papel da cultura, porém o que se anseia ainda é poder extrair do momento de tensão que o conceito de cultura possa nos oferecer enquanto enfoque investigativo.

2. A questão semiótica⁹

A compreensão acerca da semiótica nos auxiliará a perceber as representações simbólicas intimamente ligadas à cultura. Em uma tentativa de investigar as inter-relações que a dimensão simbólica contribui para a apreensão desse estudo.

Os significados irão nos revelar de forma bastante coesa a mediação que se estabelece ao redor da cultura. Temos na semiótica uma gama bastante significativa de conceitos que poderão nos esclarecer sobre o problema do signo.

Vamos nos ater a questão semiótica em Vygotsky, para evitar maiores confusões posteriormente. Mas desde já reconhecemos em Peirce¹⁰ e Saussure¹¹ contribuições a respeito da semiologia.

Então, as considerações de Vygotsky nos remetem a perceber o signo como sustentáculo da história do desenvolvimento do indivíduo, cuja identificação máxima se denota através da *palavra*. Dessa forma, a expressão das ações mediadas entre o ser humano e a percepção do meio (culturalmente) determinado se expressa através do signo.

A mediação simbólica se configura, quando os signos se revelam, ou seja, quando se definem como elementos que representam ou expressam outros objetos, eventos, situações. Estes signos são orientados para o próprio indivíduo, para dentro do ser humano, ao passo que

⁹ Semiótica (do grego *semeiotiké*, (a arte dos sinais e sintomas) é a ciência dos signos e da semiose, ou seja, do processo de significação ou representação, na natureza e na cultura, do conceito ou da ideia.

¹⁰ Charles Sanders Peirce (1839-1914). Para ele, o Homem significa o que o rodeia, segundo uma concepção triádica (*firstness*, *secondness* e *thirdness*), e é nestes pilares que toda a sua teoria se vai basear. Para Peirce existem três tipos de signos: o ícone, o símbolo e o índice

¹¹ Ferdinand de Saussure (1857-1913). Diz este que através do signo - a singular entidade psíquica de duas faces que cria uma relação entre um conceito (o significado) e uma imagem acústica (o significante) - podemos conceber uma ciência que estude a vida dos sinais no seio da vida social, envolvendo parte da psicologia social e, por conseguinte, da psicologia geral. Chamar-lhe-emos semiologia.

se direcionam ao controle de ações psicológicas seja do próprio indivíduo, seja de outra pessoa, eminentes a seu sistema cultural.

“Vigotski sustenta que a união da atividade prática com o signo ou palavra constitui o grande momento do desenvolvimento intelectual em que ocorre uma nova reorganização do comportamento [...] é o produto de um processo profundamente enraizado de desenvolvimento em que a história do sujeito individual está completamente ligada à sua história social”.¹²

Assim, o desenvolvimento cultural sob o prisma da representação simbólica revela-se ao longo do processo de desenvolvimento, o indivíduo deixa de necessitar de marcas externas e passa a utilizar signos internos, representações mentais, substituindo objetos do mundo real. A própria idéia de que o indivíduo é capaz de operar mentalmente sobre o mundo supõe um processo de representação mental.

A capacidade de tratar com representações que substituam o próprio real possibilitam ao ser humano libertar-se do espaço e do tempo presentes, fazer relações mentais na ausência das próprias coisas, imaginarem, fazerem planos e ter intenções. A relação mediada pelos signos internalizados que representam os elementos do mundo (que é cultural), libertam o indivíduo da necessidade de interação concreta com os objetos de seu pensamento.

“Pino (1992), analisando a interpretação de Vygotsky da origem social das funções psicológicas, observa que a constituição do sujeito acontece na relação constitutiva Eu-Outro, mas eu-outro como lugares simbólicos e não entidades cristalizadas. Isto é, acontece na intersubjetividade significativa constituída pelo eu-outro e reciprocamente constituinte do eu-outro, em uma relação dialética”.¹³

Essa relação eu-outro somente acontece pelo fato de estabelecerem comunicação. Enquanto valor simbólico exerce também a função de representação. Pois, identifica nessa mediação *simbólica* a presença de processos de significação (PINO, 2005:149). Que se caracterizam por serem formas designadas para produzir significação.

Esses processos iram denotar a natureza da semiótica tida como a expressão da capacidade de invenção do ser humano. A essência da relação eu-outro se estabelecem como *lugares-simbólicos* decidindo um mundo público, aberto assim à possibilidade cultural de existência no encontro dos mundos individuais em congruência com o todo.

¹² PINO, op. cit. p. 137.

¹³ MOLON, Susana Inês. *Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky*. SP: Educ, 1999, p. 82.

Nesse momento, já estamos capacitados a intervir no conceito de cultura e propor o diálogo entre Geertz e Vygotsky, porque já percebemos que a dimensão semiótica nas obras de Vygotsky ocupam um lugar de notável destaque. A discussão a redor da questão do signo (a palavra) poderia ser mais elucidativa, porém a proposta aqui, foi reunir elementos básicos para discutir ao redor da presença da cultura.

Enfim, agregamos conceitos como os processos de internalização, a dialética, a intersubjetividade, a natureza das funções psicológicas superiores, que vão nos ajudar a promover essa discussão com o olhar antropológico, pois enriquecem os elementos para a discussão. O desvendamento do *significado* e do *sentido* nos sistemas de representação impostos pela cultura nos amparam, ampliando nossa investigação.

3. Sobre o conceito de Cultura

Etimologicamente falando, cultura¹⁴ é o conjunto de manifestações humanas que contrastam com a natureza ou comportamento natural. Em contrapartida, para a biologia uma cultura é normalmente uma criação especial de organismos (em geral microscópicos) para fins determinados.

No cotidiano das sociedades civilizadas e no vulgo costuma ser associada à aquisição de conhecimentos e práticas de vida reconhecidas como melhores, superiores, ou seja, erudição; este sentido normalmente se associa ao que é também descrito como “alta cultura”, e é empregado apenas no singular (não existem *culturas*, apenas uma *cultura* ideal, à qual os homens indistintamente devem se enquadrar).

A antropologia percebe a cultura como o total de padrões aprendidos e desenvolvidos pelo ser humano. Segundo a definição pioneira de Edward Burnett Tylor, sob a etnologia (ciência relativa especificamente do estudo da cultura) a cultura seria o complexo que inclui conhecimento, crenças, arte, morais, leis, costumes e outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade.

Portanto corresponde, neste último sentido, às formas de organização de um povo, seus costumes e tradições transmitidas de geração para geração que, a partir de uma vivência e tradição comuns, se apresentam como a identidade de determinada população.

A principal vantagem da cultura é o chamado *mecanismo adaptativo*: a capacidade de responder ao meio de acordo com mudança de hábitos, mais rápida do que uma possível

¹⁴ Cultura (do latim *cultura*, cultivar o solo, cuidar) é um termo com várias acepções, em diferentes níveis de profundidade e diferente especificidade.

evolução biológica. O ser humano não precisou, por exemplo, desenvolver longa pelagem e grossas camadas de gordura sob a pele para viver em ambientes mais frios – ele simplesmente adaptou-se com o uso de roupas, do fogo e de habitações.

A evolução cultural é mais rápida do que a evolução biológica. No entanto, ao rejeitar a evolução biológica, o indivíduo torna-se dependente da cultura, pois esta age em substituição a elementos que constituiriam o ser humano; a falta de um destes elementos causariam o mesmo efeito de uma amputação ou defeito físico.

Além disso a cultura é também um *mecanismo cumulativo*. As modificações trazidas por uma geração passam à geração seguinte, de modo que a cultura transforma-se perdendo e incorporando aspectos mais adequados à sobrevivência, reduzindo das novas gerações.

“[...] o conceito de cultura ao qual eu me ateno não possui referentes múltiplos nem qualquer ambiguidade fora do comum, segundo me parece: ele denota um padrão de significados transmitido historicamente, incorporando em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação a vida”.¹⁵

O conceito de cultura encaminhado por Clifford Geertz, nos oferece uma emblemática explicação. É essencialmente semiótico, reconhece o ser humano por um animal atado a amarras de significados tecidas por ele mesmo. Enfatiza que a cultura é pública porque o significado também o é.

Um dos pontos de convergência entre Geertz e Vygotsky é entender a cultura como processo Histórico, convertendo também o desenvolvimento cultural à evolução da mente. A atividade mental é que determina fundamentalmente, a maneira como o ser humano encara seu mundo circundante.

A partir daí, podemos pensar que as dimensões simbólicas da ação social¹⁶, são as ferramentas essenciais para a análise antropológica acerca da cultura. As estruturas que irão decodificar esses símbolos são as representações de mundo que a relação eu-outro vão, em realidade, absorver a respeito dessa mediação.

Percebemos que a psicologia social anda de mãos dadas com a antropologia, pois, ambas agregam elementos de comunhão em trono do indivíduo. A primeira mais voltada ao processo de internalização, e a segunda aos papéis propostos pelas formas simbólicas.

¹⁵ GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. RJ: Zahar, 1978, p.103.

¹⁶ A arte, a religião, a ideologia, a ciência a lei senso comum são algumas categorias de ação social configuradas pelo sistema cultural.

“[...] Geertz deixa claro que cultura a cultura é, para ele, um ‘conjunto de mecanismos simbólicos para controle do comportamento’ ou ‘sistemas de significados criados historicamente em termos dos quais damos forma, ordem, objetivo e direção às nossas vidas’”.¹⁷

Reconhecemos então, que os sistemas culturais propiciam elos entre os indivíduos, os quais são intrinsecamente capazes de tornarem-se aquilo que realmente representam. A dimensão simbólica da natureza humana está imbricada no binômio biológico e cultural, onde a antropologia insinua o preceito da interpretação.

Considerações finais

De acordo com a abordagem sócio-histórica de Vygotsky, a psique humana se forma a partir de uma complexa evolução de três vias, a saber: a evolução biológica do animal ao ser humano (filogênese), o desenvolvimento histórico-cultural (do primitivo ao moderno) e o desenvolvimento individual (ontogênese). Dessa forma, podemos situar algumas convergências com o pensamento de Geertz, as considerações tecidas por Vygotsky, visto que, para ambos, o princípio de realidade é dado pelo que é externo ao organismo. Vygotsky afirma que este princípio da realidade, orientador do comportamento é, inevitavelmente, social.

O domínio e a adequação a este princípio se dão de modo progressivo, durante o desenvolvimento psicológico dos indivíduos, que em suas fases precoces, lançariam mão de uma percepção primitiva e originária no que diz respeito ao tempo e ao espaço.

Nos trabalhos com os processos superiores que caracterizam o funcionamento psicológico tipicamente humano, as representações mentais da realidade exterior são, na verdade, os principais mediadores a serem considerados na relação do indivíduo com o mundo. Quando Geertz nos remete à interpretação (uso de instrumentos) de signos externos como mediadores da atividade humana, Vygotsky está buscando a origem dessas relações, os sistemas de representação da realidade que para ambos, são socialmente dados.

Nesse sentido, é o grupo cultural onde o indivíduo se desenvolve que lhe fornece meios de perceber e organizar o real. Enquanto mediadores entre o indivíduo e o mundo, os sistemas de representação da realidade consistem numa espécie de filtro através do qual o ser humano será capaz de ver o mundo e operar sobre ele.

¹⁷ PINO, op. cit. p 86.

É a partir de sua experiência com o mundo objetivo e do contato com as formas culturalmente determinadas de organização do real (e com os signos fornecidos pela cultura) que os indivíduos vão construir seu sistema de signos, o qual consistirá numa espécie de “chave” para decifração do mundo.

Vygotsky, falando em cultura, está se reportando ao grupo cultural como que fornecendo ao indivíduo um ambiente estruturado, onde todos os elementos são carregados de significado. Geertz em consonância a Vygotsky aponta que é através da relação interpessoal concreta com outros seres humanos que o indivíduo vai chegar a interiorizar as formas culturalmente estabelecidas de funcionamento psicológico.

Assim, o processo de desenvolvimento do ser humano, marcado por sua inserção em determinado grupo cultural, se dá de fora para dentro. Para Vygotsky o fundamento do funcionamento psicológico tipicamente humano é social e, portanto, histórico.

Em suma o grande aforismo ao sistema cultural se dá através dos sistemas simbólicos e, particularmente, a linguagem exerce um papel fundamental na comunicação entre os indivíduos e no estabelecimento de significados compartilhados que permitem interpretações dos objetos, eventos e situações do mundo real. Os elementos mediadores na relação entre os seres humanos e o mundo são fornecidos pelas relações entre os indivíduos.

Bibliografia

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. SP: Martins Fontes, 1992.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. RJ: Zahar, 1978.

MOLON, Susana Inês. *Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky*. SP: Educ, 1999.

PEIRCE, Charles S. *Semiótica*. SP: Perspectiva, 1990.

PINO, Angel. *As marcas do humano às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev. Vigotski*. SP: Cortez, 2005.

OLIVEIRA, Martha K. de. *Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento – um processo sócio-histórico*. SP: Scipione, 1993.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos. *Interações sociais e desenvolvimento: A perspectiva sociohistórica*. Campinas: Cadernos Cedes, 1999.

SIGARDO, Angel Pino. *O Social e o cultural na obra de Vigotski*. IN: *Educação e Sociedade*. Ano XXI n°. 71, julho de 2000.

VYGOTSKY, Lev S. *Pensamento e linguagem*. SP: Martins Fontes, 1991.